

O paradigma da crise é uma constante do dia-a-dia de todos nós. Há um crescente mal-estar que, por múltiplos canais, se insinua no viver mais recôndito. Qual a estirpe da sensação de que se está *à beira do precipício*? Descobrir a resposta à questão enunciada é a proposta de Zé Neto aos visitantes desta exposição.

Tendo como guia o registo matricial de pintor-filósofo, desvela a inumana condição humana patente nas sociedades contemporâneas, agora reduzida a mero recurso cotado num quadro mercantil.

A fim de conduzir a *bom porto* tal empresa, avoca a Filosofia no *bater de sinos* existencial, e fazendo jus ao seu *ex libris*, a proverbial ironia sibilina, zomba do *Homem fragmentado* nietzschiano, incapaz de se transcender no *super-homem* interior.

Simultaneamente, o artista plástico intervém, *e a obra nasce*. A cor e a reciclagem plural de materiais variegados maravilha o observador. O deleite dos sentidos refaz a *idade da inocência*. Eis-me *tornado outra vez menino*, na expressão de Fernando Pessoa, autor que nos esclareceu – *livros são papéis pintados com tinta*.

Outrossim, na perspectiva de Zé Neto, a Arte são todas as coisas com tinta. Muita tinta. *A pintura como um circo*, no dizer do próprio.

Fernando Wintermantel  
(Investigador filosófico).

Se o mito é fruto da mitificação será que a desmitificação produz um “desmito”, ou apenas destrói um mito? Um problema sugerido pela obra de um artista-plástico que também é filósofo, ou de um filósofo que é artista: José Neto. Ou simplesmente Zé como o Zé Povinho, Zé o Português eterno. Neto como descendente, cúmplice, dos velhos da tribo, os Avós, os Sábios, os Fundadores.

Sem esoterismos exprime-se através de objectos destinados à reciclagem, e que ele “recicla” casando-os, dando-lhes cor, sugerindo outras formas. São pedaços de móveis, restos de aparelhos eléctricos, pequenos troncos, objectos familiares; outros, irreconhecíveis, protagonizam pequenos volumes, pequenas excrescências dinamizando superfícies coloridas, numa obra que se quer exuberantemente “imperfeita” porque, intencionalmente, dá a aparência de inacabada, instável, interrogativa. Alguns, suspensos, ganham movimento com uma corrente de ar.

Paradigmática é a “Vida de Artista”, instável e cheia de pregos: quantas promessas não cumpridas, outras tantas dores.

Bem presente a imagem do Poder, isto é, o Dinheiro figurado numa nota verde que ora surge isolada, ora em cascata, símbolo da “Nova Ordem Mundial”, ou da “Velha Ordem” da Inveja e da Ganância. O Dinheiro, o mecenas, mas também o corruptor da Arte, entre outras desventuras.

Uma via de interrogação permanente, substituindo a linguagem mítica por uma meta-linguagem tecida numa cumplicidade quase tribal, de uma intimidade sincera, sem pompas, sem atavios. Que outro caminho senão o do ar puro, reaprendendo a respirar, e, numa curva, reencontrar, talvez, a Liberdade, o último Mito?

E seguir adiante...

## A minha posição perante a realidade do momento histórico presente.

Não é o caso que com este texto esteja a reconhecer a alguém o direito de julgar/questionar das minhas posições filosóficas. Este é apenas um testemunho por parte de quem não tem sentimentos de culpa acerca do que quer que seja. A minha existência é descondicionada de esoterismos e de outros falsos temores, tão subtilmente inculcados ao longo dos séculos na mente humana. A autoridade que me guia é a minha consciência e esta nada toma como garantido, a não ser que involuntariamente nasci um dia – e nessa mesma condição partirei. Como tal nunca me dei bem com dogmas, axiomas ou garantias a priori - pelo que nunca gostei de percursos-tipo ou formas canónicas. É que nada é estático ou regular – como o querem fazer parecer - mas em evolução cíclica, e para haver tipologias tem que haver uma descaracterização prévia a favor da quantificação e consequente desumanização. O inventário criador da tipologia segue uma lógica que sempre me soou a falso. Munido desta intuição, na base das minhas opções de vida sempre estive a consciência de que a realidade, que o sistema nos apresenta não é a realidade em si, mas sim uma projecção possível útil à manutenção de uma estrutura de produção materialista – a que chamam mercado. Este funciona por fraccionamento da actividade humana (por especialização) seguindo um paradigma de movimento uniformemente acelerado, consubstanciado na ideia de progresso. O progresso por sua vez fundamenta-se numa projecção vanguardista incerta – que segue a evolução tecnológica. Tal movimento “de ponta” gera uma distensão fundamental/radical tanto em relação ao conjunto dos valores da tradição, como em relação à estabilidade necessária à Ciência. Tal intervalo gera nas consciências uma sensação geral de insegurança e consequentemente – produz de hiatos históricos em auto-organização a que chamam “crises”. Crises dos interesses humanos – afinal – pois é o cânone que gera a crise.

Munido desta consciência optei desde muito novo – não ser mas um - , vagueando perdido por entre a multidão acéfala. Tal levou-me a opções radicais (mas de forma alguma marginais) as quais podem ser descritas pela proposição: “a minha especialização é a minha vida”. E a minha vida tem os seus ritmos próprios, por isso o meu percurso não é regular mas cumulativo. Assim postulei o meu direito à diferença pois a minha vida no final será apenas um simples e contínuo balanço ocorrido entre os conteúdos da minha consciência e da gestão do meu tempo próprio. Digo “a minha vida” (não por alguma crise do Ego mas) porque ninguém nasceu por mim, vive por mim, sente por mim, ou mesmo - morrerá por mim ou em meu lugar. E a minha vida foi, é e será o fruto da minha identidade (ser idêntico a si mesmo) – como ser único, irrepetível e em digna unidade de consciência. Unificação que pela experiência prática concluí que, só pela arte poderia ser exteriorizada com o maior dos rigores, por considerará-la como a pulsão radical (re)criadora do que vai no âmago do nosso ser. Patência apercebida na relação espírito/corpo/matéria a que chamamos “eu”. Por isso a arte é a expressão mais fundamental, desinteressada e evolutiva que o pensamento humano pode alcançar - neste plano da realidade. Estudo (con)centrado na estrutura da matéria. Exercício constante de confiança no Mundo, esperança, preparação, aceitação e transcendência de si...

Quanto à vida depois da vida logo se verá...

Até lá, ainda gostaria de ver concretizadas três utopias:

- Que o interesse oligárquico não guiasse as vidas...
- Que todos aprendessem com os seus erros...
- Que a hipocrisia fosse crime...

Como tal é impossível – vou fazendo a minha arte!!!